

Seminário Ciência e Meio Ambiente

Faculdades Anchieta

São Bernardo do Campo, 23/04/2008

Interpretação da Natureza e Meio Ambiente entre Ciências e Religião

Autor: Fernando Gregianin Testa

email: fernando.testa@gmail.com

Resumo: A comunicação pretende apresentar uma interpretação da natureza e do meio ambiente na tensão cultural contemporânea entre religião e ciência. Inicialmente apresentará os principais modelos de interação entre ciência e religião e, dentre eles, avança a sua proposta de um diálogo entre ciência e religião que preserve o fazer racional de cada disciplina, o lastro de conhecimento histórico milenar e as novidades nos dois campos. Enfim apresentará a interpretação da natureza em chave cristã, sob o conceito vital da Trindade, sua conceitualização e suas consequências éticas para uma ação ecológica.

Palavras-chave: ciência, religião, natureza, trindade, ontologia,

Sobre o autor: Fernando Gregianin Testa é formado em engenharia elétrica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalha com desenvolvimento de software para telefonia computadorizada e é mestrando em Ciências das Religiões pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo onde pesquisa a doutrina espiritual da natureza nos escritos de Chiara Lubich, religiosa italiana de grande influência cultural, falecida em maio deste ano. Tem interesses nas interações entre a religião, especificamente teologia e a ciência contemporâneas, seus conflitos, diálogos, integrações e problemas filosóficos relacionados.

Introdução

Constatamos que o modelo de desenvolvimento utilizado hoje na sociedade está em crise. É uma crise que nasce, em parte, da observação de fenômenos nas próprias ciências da natureza: aquecimento, crise energética, extinção de espécies, etc. A esta crise frequentemente associamos outras crises: exclusão social, violência, barbárie, corrupção, pobreza, fome, discriminações. Assim, a modernidade se apresenta, em seu aspecto concreto e apesar dos enormes ganhos, com grandes dificuldades de resolver o problema que ela mesma gerou, especialmente em relação à vida e vida humana. Mas, onde encontrar respostas às perguntas que hoje nos colocamos para a vida? Nas ciências em seu progresso? Nas religiões? Nas filosofias? Na política?

Assim, uma onda de desânimo, e até pessimismo, pode nos invadir diante da dificuldade de achar respostas satisfatórias. O cansaço nos impele a nos refugiar no ceticismo prático e na indiferença.

É possível que hoje estejamos diante de um dos desafios mais importantes da cultura, produzida especialmente aqui no ocidente, em achar um ponto comum diante da fragmentação do conhecimento e da vida que atravessa os indivíduos e as sociedades. A questão do meio ambiente, levantada pela pesquisa científica, não poderá, portanto, encontrar uma resposta satisfatória somente em um único campo de conhecimento, como por exemplo na ciência, e nem pode prescindir de nenhum deles. É necessário um novo *diálogo na cultura*.

Diante da inviabilidade dos projetos modernos de desenvolvimento, não devemos, no entanto, jogar tudo fora. Todos concordamos que a ciência nos proporcionou muitos conhecimentos importantes e úteis e testou a imaginação humana até o seu limite. Da cosmologia à informática, à descoberta do DNA e das últimas pesquisas em nanotecnologia e neurociências a ciência ainda dá a pauta sobre os limites do pensável.

Sim. Em parte, o mundo é melhor justamente por causa da ciência. Então de onde nascem os problemas atuais?

No homem.

O necessário diálogo da cultura hoje, se dá em relação às diversas formas de saber que a humanidade acumulou nestes quase dez mil anos de civilização letrada. Todas as formas saber e conhecimento são convocadas, hoje, a dar sua contribuição para a construção

daquele mundo de que necessitamos. Elas são principalmente chamadas a dizer também *o que é que realmente necessitamos*.

Esta comunicação procurará colocar em diálogo duas formas de saber: religião e ciência. Como dois irmãos que se implicam e se provocam mas nunca se largam, vimos estas duas formas de conhecimento se debater tanto em ódios acirrados como diálogos fecundos. Talvez seja o momento de conversar novamente. É demasiado arriscado não conversar, o projeto humano é que está em jogo: não podemos nos dar ao luxo de jogar fora nenhuma forma de conhecimento.

Modos de Interação entre Ciência e Religião

Na pesquisa em Ciências das Religiões sobre as interações entre religião e ciência vários modelos de interação foram propostos. Entre estes modelos, praticamente todos os especialistas concordam que a tipologia clássica de Ian Barbour é ainda muito válida. Segundo Barbour, pode-se distinguir quatro modos: *conflito*, *indiferença*, *diálogo*, *integração*. Não será possível passar os momentos históricos e autores em que cada um destes modos de interação ocorreu, mas somente fazer alguns comentários.¹

Conflito

Infelizmente, o modelo de conflito talvez seja o mais conhecido. O clássico caso de Galileu é ainda hoje muito citado. Já ali se apresentava um problema importante: quais os limites e as pertinências dos conhecimentos religiosos e científicos? Dentro do modelo de conflito esta pergunta recebeu diversas respostas por parte de cientistas, filósofos e religiosos.

Um outro caso de conflito, mais recente, é o fundamentalismo bíblico, por um lado, e o materialismo científico, por outro. A teologia contemporânea, tanto em âmbito evangélico reformado como ortodoxa ou católica, admite que o texto bíblico não foi escrito com a intenção de fornecer uma descrição sob espécie científica. Neste caso, o texto bíblico, para os agentes religiosos, contém um insubstituível conteúdo religioso e sapiencial, realmente palavra de Deus, mas dentro de um suporte literário que não pretendia descrever eventos cientificamente exatos, como a atual mentalidade geralmente pensa. A relevância das descrições bíblicas, nestes casos, não se referem à precisão histórico-científica mas sapiencial: o que está em jogo é o *sentido ético-religioso* do texto,

¹ Para um estudo mais detalhado, ver Ian BARBOUR, *Quando a Ciência Encontra a Religião* e também de Ted PETERS e Gaymon BENETT (orgs) o *Construindo Pontes entre Ciência e Religião*.

entendido como revelação divina.

O assim chamado literalismo bíblico é uma posição cognitiva que não percebe estas diferenças e achata as múltiplas camadas do texto em uma só. Com isto, reduz o dado real do mundo ao dado bíblico e não percebe que, contrariamente a se perguntar sobre a verdade que o texto tem a dizer, projeta o que entende como verdade para dentro do texto bíblico e para o mundo. Esta posição teórica é prejudicial ao diálogo entre ciências e religião.

O outro lado do conflito é o materialismo científico. De acordo com esta posição, muito comum hoje em dia, o todo real é passível de ser apreendido somente através das ciências naturais. Esta posição é simétrica ao literalismo bíblico. Neste modelo de interação de conflito entre ciência e religião, os dois lados saem perdendo pois cada um reclama para si uma petição de princípio que o outro nega. O engano está em desconhecer que todo processo de conhecimento humano parte de algumas premissas, mesmo se implícitas, sem as quais não é possível qualquer conhecimento. É o engano epistêmico, a confusão do objeto formal com o objeto real.

Independência

No modelo de interação da independência, enfatiza-se que os dois campos de conhecimento têm histórias distintas, linguagens distintas de maneira que mesmo se um termo vier a ser o mesmo, ele ocupará um lugar semântico completamente diverso. Neste modelo, a ciência teria a liberdade completa de dizer o que quiser sobre a natureza, homem, cosmos, e o mesmo se dá com a teologia, que faria afirmações completamente independentes da ciência. O desejo de defensores de tal posição é a de permanecer fiéis aos respectivos programas de pesquisa e também de encontrar um certo conforto psicológico em não interferir um no outro.

Porém, neste caso, não se leva em conta que cada forma de conhecimento pressupõe e induz uma visão de mundo que, no caso científico, transborda o que é seu específico. Em campo social são geralmente sentidos os efeitos de uma nova descoberta, de uma nova teoria que desbanque o sistema de idéias anterior.² A nova visão de mundo produzida por uma nova teoria científica tem grandes consequências para a sociedade. Um exemplo deste tipo de teoria foi o desenvolvimento da mecânica quântica que hoje popula a

² A discussão sobre as mudanças de paradigmas conceituais interiormente à produção científica e suas dependências da comunidade acadêmica foi primeiramente elaborada por Thomas KUHN em seu famoso livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*.

imaginação até com filmes – que muitas vezes distorcem o que é realmente o científico.

A religião, neste caso, também é afetada pela nova descoberta. O conhecimento religioso do mundo dificilmente permanece o mesmo quando se lhe é apresentado uma nova visão de mundo derivada de determinadas descobertas científicas. Assim, a teologia relacionada àquela determinada tradição religiosa deve necessariamente se reeditar e se repensar.

Integração

No modelo de integração seus advogados geralmente tendem a valorizar um eventual significado religioso das diversas teorias científicas (Cf. RONDINARA, p.48). Por exemplo, muitos ouviram falar do modelo padrão de expansão do universo, melhor conhecido como Big-Bang. No modelo de integração, os religiosos poderiam achar que o big-bang equivale à criação do mundo por Deus ou, vice-versa, os cientistas poderiam querer ver no modelo padrão o momento criativo de um Deus anterior.

Este modo de proceder tem seus problemas, pois no momento em que um novo modelo cósmico resolver o problema da singularidade inicial, o acordo com a religião cai por terra. A integração aqui aparece sob forma de um *concordismo* entre determinada teoria científica e seu correlato religioso. Novamente, confunde-se o que é que se está dizendo em cada campo específico.

Outra expressão de integração é o deus-das-falhas (*god of the gaps*). Deus, neste caso, estaria atuando lá onde ainda não existem leis físicas precisas que prevejam os fenômenos. Por exemplo, Deus forçaria o colapso de função de onda quântica para promover determinada direção dos fenômenos determinados no mundo.

O erro de fundo neste tipo de integração está em aproximar religião e ciência como se os dois estivessem falando do mesmo objeto formal.

Diálogo

No modelo do diálogo se preservam as diferenças históricas e epistemológicas de cada fazer científico. Neste caso, a filosofia funciona como meio dialógico, uma linguagem comum que as duas formas de conhecimento podem adotar para discutir quais os seus próprios pressupostos, quais os pontos próximos, quais os métodos para se lançar pontes entre os dois continentes, quais são as visões de mundo.

As formas do conhecimento

Adotando o modelo do diálogo para os dois modos de conhecimento, procuraremos traçar uma imagem bastante esquemática de como pode ser entendida relação ciência-religião. Inicialmente faremos uma introdução informal, e, depois, uma breve argumentação filosófica.

Imaginemos que estamos em uma planície. No chão, grama verde rasa cobre o espaço até a colina adiante. Diante de nós está uma única árvore, nem muito alta, nem muito baixa. Como podemos descrever esta cena?

Talvez possamos descrevê-la *esteticamente*, relatar a impressão que o belo deixa no sujeito. Aqui teremos à nossa disposição, dependendo do talento de cada um, por exemplo, a literatura para descrever este belo. Talvez tenhamos uma prancheta com lápis, ou um cavelete, tintas e pincel. Ou, talvez, tenhamos um piano, como o pianista paulista André Mehmari o fez com sua *Valsa em forma de uma árvore*. A reprodução artística é, assim múltipla, mas preserva uma perspectiva comum, a impressão do belo.

Porém, podemos descrever nossa árvore com o olhar científico. Aqui também há múltiplas sub-maneiras: histologia, botânica, física e até mesmo matemática através de fractais: uma modelação das formas dos galhos, etc.

Mas, talvez, tenhamos também uma descrição religiosa. A imagem da árvore foi utilizada, como sabemos, em diversas passagens Bíblicas. Deus coloca no jardim a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. A árvore fornece aqueles elementos metafórico-analógicos para pensar a condição humana.

Enfim, podemos combinar duas perspectivas. Conhecendo cientificamente como o meio ambiente está colocado, a utilidade de uma árvore e sua relação com o meio fica clara para nós: vemos a utilidade e necessidade que ela desempenha no meio e para nós. Assim, a analogia da árvore da vida fica mais intensa: Deus dá a vida e sustenta os homens através da natureza. Eventualmente, podemos nos dar conta que sendo uma planície, as outras árvores foram desmatadas e o belo prado está em risco de erosão e a árvore, ela mesma, é um eucalipto: espécie extremamente agressiva ao meio ambiente. O que era belo se tornou, pelo conhecimento científico, sofrimento, mas, porém, mais verdadeiro. Assim, a reflexão religiosa pode nos levar a pensar que seja necessário justamente o conhecimento científico para instruir aquele que ignora, o que biblicamente é uma bem-aventurança, e ver no mecanismo destruidor uma expressão de mal.

O exemplo acima nos mostra que a posição de múltipla perspectiva induz ao diálogo entre as formas de conhecimento em vistas a um conhecimento mais completo. Não há necessidade de se apresentar a relação ciência-religião sob chave de conflito e, na minha opinião, um acréscimo de conhecimento pode ser ganho quando usamos as múltiplas perspectivas.

Lugar da ciência: renúncia ontológica, formalismo e lei

Vamos ver um pouco mais de perto como funciona a perspectiva da ciência e qual é o efeito colateral de sua eficiência. Faremos um questionamento das origens da ciência em chave filosófica. Isto nos ajudará a entender mais claramente as diferenças entre as duas perspectivas.

Desde Galileu e Newton, a mudança na compreensão da natureza foi imensamente frutífera porque com eles se iniciou o controle e, especialmente, a predição dos fenômenos que a nova simbolização matemática dos eventos naturais permitia. Frutífera, ainda, pois na medida em que esta predição se tornava cada vez mais precisa/exata em relação à observação empírica, máquinas poderiam ser construídas e, com elas, produtos e insumos. Impossível pensar a revolução industrial, com todos seus problemas sociais, sem a possibilidade técnica que a revolução científica trouxe. De fato, até hoje, a tecnologia é a grande advogada da ciência, pois, de certa forma, a ciência serve porque permite produzir artefatos – o que indica que a produção científica não é isenta da política e da ética.

Mas a revolução científica que tanto contribuiu para a identidade da modernidade também foi traumática. Qual foi, fundamentalmente, este trauma? Deveríamos voltar um pouco mais no tempo e passar rapidamente alguns problemas filosóficos que o século XIV enfrentava quando na escolástica discutiam-se três grandes temas: a razão, os universais e, justamente, a natureza e a criação.

É extremamente elucidativo o que Julián Marías comenta em sua História da Filosofia:

Aristóteles entendia por natureza o *princípio do movimento*; um ente é natural quando tem em si mesmo o princípio de seus movimentos, e, portanto, suas próprias possibilidades ontológicas; o conceito de natureza está muito vinculado à idéia substancial. Assim, um cachorro é um ente natural, ao passo que uma mesa é artificial, obra da arte, e não tem em si princípio de movimento. A física aristotélica e medieval é a ciência da natureza, que procura descobrir o *princípio* ou as *causas* do movimento.

Desde o ockhamismo se começa a pensar que o conhecimento não é conhecimento de *coisas*, mas sim de *símbolos*, isto nos leva ao pensar matemático; e Galileu dirá taxativamente que o grande livro da natureza está escrito em caracteres matemáticos. O movimento aristotélico era um chegar a ser ou deixar de ser; portanto, era entendido de modo ontológico, do ponto de vista do ser das coisas. A partir de Galileu, o movimento será considerado como variação de fenômenos: algo quantitativo, capaz de ser *medido* e expresso matematicamente. A física não será *ciência de coisas*, mas de *variações de fenômenos*. Diante do movimento, a física aristotélica e medieval pedia seu *princípio*, portanto uma afirmação real sobre coisas; a física moderna *renuncia* aos princípios e só pede sua *lei* de fenômenos, determinada matematicamente. O físico renuncia saber as causas e se contenta com uma equação que lhe permita medir o curso dos fenômenos. Essa renúncia extremamente fecunda separa a física do que é outra coisa, por exemplo filosofia, e a constitui como ciência *positiva*; assim se engendra a física moderna. (MARÍAS, 2004, p.219)

Para Tomás de Aquino a razão pode conhecer Deus, pois Deus é *logos*, e o homem, criado à sua imagem e semelhança, pode, através da natureza que é *criação*, aproximar-se da verdade, e conseqüentemente, de Deus. Porém, para Ockham, a razão é um assunto exclusivamente humano, pois Deus não pode estar limitado à razão. Ele é, por assim dizer, onipotente, livre arbítrio, e está fora da possibilidade racional, é assunto de fé. Ainda para Ockham, os conceitos universais não são *reais*, mas são simplesmente *flatus vocis*, úteis para a construção do conhecimento.

Por um lado temos que o racionalismo é coisa tipicamente humana e, por outro, temos a aceitação do nominalismo simbólico sobre os universais. O passo seguinte é a matematização dos fenômenos. Isto faz com que se lance um dos pilares da episteme científica que é o conceito de *lei*. A natureza, portanto, é apreensível pelas *leis matemáticas* que se mostravam. A partir de então vale a famosa frase de Galileu que “O livro da Natureza está escrito em caracteres matemáticos”. Assim, conhecer a *lei matemática* que rege os objetos era decifrar a mente de Deus e a própria natureza deixou de ter aquele caráter aristotélico de substância para assumir o caráter de estrutura matemática captável pela medição e pela razão matemática.

O próprio Roger Penrose, físico e matemático de Oxford argumenta que “O entendimento que a chave para entender a natureza está em uma matemática inquestionável foi, talvez, a primeira maior conquista na ciência” (PENROSE, 2005, p.9).

A renúncia a conhecer os objetos e os fenômenos em seu princípio no sentido ontológico de *realidade*, e ficar com o que é possível ser dito sobre a natureza no plano fenomênico,

com leis descritivas universais e matemáticas, esta “*renúncia extremamente fecunda*” é uma das características da mentalidade científica que permanece até hoje. No dizer de Stephen Hawking:

“Eu não peço que uma teoria corresponda à realidade porque não sei o que esta é. Realidade não é uma qualidade que você pode testar com papel de tornassol. A minha preocupação é que a teoria consiga prever o resultado de medições.” (PENROSE, 2005, p.785)

Aqui temos de ser claros: não é que a simbolização matemática nada tenha a dizer sobre a natureza. Diz muito, mas não diz tudo. É mais próprio dizer que *uma lei natural é uma via para dizer algo sobre o real* e não seu sustentáculo. Certamente, não é a lei física que define o que o real é, mas que *ela diz algo confiável* sobre ele. *A lei matemática é um predicado do real para dar conta dos fenômenos observáveis*. O conhecimento científico, assim, é um processo de transcendência em direção aos objetos. O real, oculto por detrás dos fenômenos, é apreensível também no seu manifestar-se através das leis. Mas para isto, é necessário a renúncia em conhecê-los em si.

Criação e Trindade no Cristianismo

Se o conhecimento científico mostra sobretudo o caráter das leis dos fenômenos observáveis – e esta é sua típica perspectiva, seu típico olhar – então, qual o específico da religião? Que olhar, que interpretação podemos ter a partir da perspectiva religiosa? Para responder, temos que mergulhar no próprio, no específico religioso, escutar seu discurso, entender suas razões. Se para a ciência nos fizemos ateus metodológicos com a renúncia ontológica, agora nos faremos crentes para entender os crentes. Faremos um mergulho teológico. Faremos este mergulho no cristianismo, em particular, nos escritos da italiana Chiara Lubich, falecida recentemente.

No cristianismo, a interpretação da natureza se deu historicamente no interior da compreensão que recebeu o nome de criação. O que é a *criação*? De acordo com Piero Coda, teólogo italiano, existem três significados no termo (CODA, 1998, pp.70-71).

O primeiro significado, em hebraico *bârah*, é típico da revelação bíblica. O conceito foi elaborado nos primeiros séculos do cristianismo e indica o *ato próprio de Deus e exclusivo a ele*. Aqui há a ênfase no verbo, na ação específica de Deus.

No segundo significado, indica o objeto, aquele *ser* distinto de Deus, fruto daquele ato, isto é, o substantivo “o criado”. Assim, a natureza é um particular da criação e a relação que o homem tem com a natureza está imbricada pela relação que tanto homem como

natureza têm com Deus neste segundo sentido.

Em um terceiro significado, mais profundo e amplo:

Se trata da *relação* entre Deus e aquilo ao qual Ele gratuitamente doa a existência para introduzir na plena comunhão a si. A criação, portanto, como *evento* dinâmico, como *história*: a história de Deus com a humanidade e, através desta, com o cosmos. (CODA, 1998, p.71)

Gostaria de me deter neste último significado. É principalmente aqui que a mística de Chiara Lubich apresenta sua interpretação da natureza. Para ela, Deus cria as coisas a partir de Si. Porém, como Ele é Trindade, a lógica da Trindade permanece impregnada em tudo o que cria. Assim, o *ser* daquilo que é criado é imagem de Deus, principalmente no homem. Mas Deus é Trindade e Esta é possível somente como Amor, sendo Amor, no Amor. As coisas criadas têm esta característica amorosa.

A descoberta fulgurante da Lubich de que Deus é Amor produz nela uma mudança radical de comportamento e de compreensão da sua própria vida e da relação com as outras pessoas e, posteriormente, com o cosmo. Assim, ela não pode ficar indiferente, ela não pode continuar a vida como antes: é necessário responder ao Amor de Deus com o amor aos irmãos na ajuda aos pobres. Este centramento do amor na vida a fará pensar, conforme a tradição cristã, de que Deus é Amor não somente em relação aos homens, mas também em si mesmo. A afirmação “Deus é Amor” não diz somente uma propriedade de Deus, como se Deus “tivesse” amor em si, mas que o Amor é sua própria essência, seu próprio *ser*. É como se Deus somente fosse Deus porque é Amor. Qual o nome de Deus? Amor. Qual o nome do Amor? Deus.

Para a Lubich, quando Deus cria a partir do nada, isto coincide com o criar a partir de si, pois Deus se “esvazia” para fazer existir fora de Si, por assim dizer, aquilo que não é Deus: a criação. Este “esvaziamento” é conhecido, na terminologia teológica, como *kénosis*. Deus se doa completamente quando ama, faz-se nada, por Amor, e assim, gera a partir do nada e também gera a partir de si. É evidente o caráter ativo: o Amor existe somente quando se ama, não é sentimento, é ato, ação.

Em uma passagem, a Lubich comenta:

Quando Deus criou, criou a partir do nada todas as coisas porque as criou a partir de Si: do nada significa que não preexistiam porque Ele somente preexistia (mas este falar é impróprio, pois não há em Deus o antes e depois). As criou, porém, a partir de Si porque criando-as morreu (de amor), morreu em amor, amou e por isso criou. (LUBICH *apud* CODA, 1998, p.78)

Esta descrição sintetiza a criação *ex nihilo* (a partir do nada) com a criação a partir de Deus. O valor do mundo natural, parte da criação, do qual o ser humano faz parte, tem inestimável valor justamente pela sua proveniência.

Ela continua:

Com a revelação judaico-cristã, o mundo é visto como criatura de Deus, de um Deus pessoal, portanto, como termo de uma relação permanente com Ele.

Por isso, Ele tem um valor em si e, ao mesmo tempo, uma autonomia própria, que se realiza historicamente nesse sujeito pessoal que é o homem, capacitado justamente a estar em diálogo direto com Deus e com os seus semelhantes, e tem a sua realização escatológica [final] na Pessoa do Verbo encarnado e ressuscitado, o qual sendo o *Tu* único do Pai, tudo recapitula em si.

Portanto, segundo a Revelação, o mundo deve ser visto pleno da presença de Deus em seu Verbo, mediante o Espírito.

A valoração otimista da criação não cancela a percepção do movimento cultural que lentamente fragmentou o conhecimento e retirou a compreensão do *ser* das coisas.

Na história do Ocidente – continua a Lubich – essa concepção cristã do mundo foi gradualmente substituindo a visão mitológica deste, mas, neste processo ela foi marcada, em nosso tempo, pela crise cultural que deu lugar a vários fenômenos, como a secularização, o secularismo, o pós-moderno.

Conseqüentemente, não se viu mais como Deus possa preencher de si o mundo. De maneira lenta, então, o mundo, para o homem ocidental, foi se esvaziando de sentido; o mesmo se diga [...] do tempo e da história.

Uma racionalidade cética e fria, que transita *entre* as coisas sem alcançá-las em sua origem profunda, tomou o lugar da inteligência amorosa que, pelo contrário, sabia perceber *em sua raiz*, isto é, em Deus – que contém em si e nutre de si a Criação - , a verdade e a beleza desta.

O gemido das criaturas, de que fala São Paulo (cf. *Rm* 8,22), parece não ser mais ouvido, coberto por aquilo que Heidegger chamava de “tagarelice da existência” e, portanto, de uma cultura “inautêntica” (cf. Heidegger, 1989)

Estamos diante de uma crise irreversível?

Ou então, assistimos à lenta gestação de um mundo novo?

Para a autora, o Amor que cria somente pode ser compreendido na chave da cruz de Cristo. Cristo na cruz, em particular no momento em que grita “Meu Deus, meus Deus,

porquê me abandonaste?” indica o modo e a intensidade do Amor. A *kénosis*, portanto, é revelada no abandono de Cristo Deus, na noite de Deus. Neste nada, funda-se uma nova criação, que é novamente, *ex nihilo*.

Também aqui Jesus Abandonado é luz para se compreender e viver o sentido desse drama.

Jesus Abandonado experimentou em si, e assumiu em si, o não-ser das criaturas separadas da fonte do ser: tomou sobre si a “ vaidade das vaidades” (*Eclesiastes*, 1,2).

Ele se apropriou – por amor – desse não-ser, que podemos chamar de negativo, e o transformou em si mesmo, naquele não-ser positivo que é o Amor, como revela a ressurreição. Jesus Abandonado fez com que o Espírito Santo se estendesse por toda a Criação, tornando-se assim “mãe” da Nova Criação.

Claro, esse acontecimento *ainda* está em gestação: mas no Cristo ressuscitado [...]

É interessante observar aqui que a ética para o comportamento em relação à natureza se funda na mesma lógica da ética para o comportamento com os semelhantes: o amor, que são atos concretos, fatos. Na comunidade que se forma a partir deste Amor entre os semelhantes, abre possibilidades de entender e solucionar problemas fundamentais para a vida humana e sua relação com o mundo natural. Ela comenta:

Esses novos céus e essa nova terra certamente ainda estão muito distantes de sua realização, mas já se pode ver que vão amadurecendo no coração da Criação, se a olharmos com os olhos do Ressuscitado que vive em nós e entre nós.

Isso ilumina com luz nova e dilata a relação entre os homens e o mundo; aquela relação que tem justamente a capacidade de transformar as coisas, tal como se realiza no trabalho e na técnica, e esta é apenas um dos aspectos.

De fato, parece-nos poder afirmar (...) que as intuições mais profundas – do pensamento ou da arte, da ciência ou das obras – nascem da unidade entre nós, unidade que estabelece a presença do Ressuscitado entre nós e nos faz participar do seu pensamento; essas intuições permitem-nos entrever a difusão do Espírito de Deus em todas as coisas. (LUBICH, 2003, p.267-268)

Co-criação e trabalho

A irreduzibilidade dos modos de saber implica no necessário conhecimento científico, aquele específico que somente o estabelecido método científico pode oferecer. Por outro lado, a ação existencial humana está irremediavelmente vinculada ao sentido do que se faz. Assim, a mais valia do sentido cristão está em fornecer uma matriz de significados

profundos que superam a ação movida somente pela necessidade e entendida somente como pragmática. A renúncia ao realismo realizada pelo pragmatismo na ação ecológica irá automaticamente reduzir a solução do que deve ou não deve ser feito em um debate político auto-referente. Por exemplo: se concebermos uma sociedade hipertécnica, poderíamos, pela lógica pragmático-utilitarista, conceber também a natureza como descartável, pois teríamos atingido a auto-suficiência e auto-manutenção humana em ambientes extremamente agressivos. Do ponto de vista pragmático-utilitarista esta lógica é pertinente. Do ponto de vista cristão não é. É contrária à interpretação cristã da natureza.

Do ponto de vista apresentado anteriormente, não faremos a pergunta somente em chave pragmática, mas fica claro que a utilização e manipulação do que é natural muda. A responsabilidade diante da natureza, para o cristianismo, não se resume em função da *utilidade* ou da *necessidade* que temos da natureza, mas se dá em função *do que a própria natureza é*. Assim, o cuidado, como expressão do Amor que é Deus, do menor e mais insignificante dos seres pede tanto conhecimento técnico quanto prudência e respeitabilidade na sua manipulação. Hoje, a obsessão pela manipulação de humanos em fase de desenvolvimento em vistas de possíveis tratamentos futuros que permanecem promessas é da mesma lógica do nazismo quando o fazia com os judeus.

Cada *ser* é um *ser para*. Nada é para si mesmo, mas para um outro e no outro adquire seu sentido, seu próprio ser. No cristianismo, a lógica amorosa Trinitária é o *ethos* que move a ação com os semelhantes e com a natureza. O cuidado da natureza representa uma vocação e obrigação importantíssimas, pois o que está em jogo é muito alto.

Conclusão

Procuramos passar rapidamente por diversos temas muito distintos: das ciências naturais às ciências das religiões, à teologia e de volta para a ação ecológica. Nossa intenção era tentar indicar que a religião, no caso do cristianismo, ao contrário do que algumas vezes tentam argumentar, não produz nenhum conflito em relação à ciência. Pelo contrário, o conhecimento científico é condição para cumprir aquela tarefa que cabe unicamente ao homem: cuidar de sua casa. Isto é condizente com o cristianismo e com o fazer científico. Por outro lado, pudemos ver que o fazer científico e a ação ambiental mudam de caráter quando impregnada de sentido cristão.

Tentamos indicar que o diálogo das ciências naturais com as tradições religiosas, nesta

apresentação somente com a tradição cristã. Seria interessante fazer o mesmo com outras tradições, dada a sociedade multicultural em que vivemos hoje.

Procuramos apresentar qual a visão de mundo e o agir consequente a ela que nasce do conhecimento e da prática cristã e sua interação com a ciência em vistas do mundo melhor que nos é pedido hoje construir e deixar para a posteridade. A múltipla perspectiva pode ajudar a preservar aquilo que segura o mundo.

Obrigado.

Bibliografia

BARBOUR, Ian. *Religion and Science: Historical and Contemporary Issues*. São Francisco: HarperSanFrancisco, 1997.

_____. *Quando a Ciência Encontra a Religião*. São Paulo: Cultrix, 2004.

CODA, Piero. Dio e la Creazione – I. *Nuova Umanità*, N.115, Roma: Città Nuova, 1998.

LUBICH, Chiara. *Ideal e Luz*. São Paulo, Cidade Nova: 2003.

PETERS, Ted; BENNETT, Gaymon (orgs). *Construindo Pontes entre Ciência e Religião*. São Paulo: Edições Loyola ; Editora UNESP, 2003.

RONDINARA, Sergio. *Interpretazione del Reale tra Scienza e Teologia*. Roma: Città Nuova, 2007.